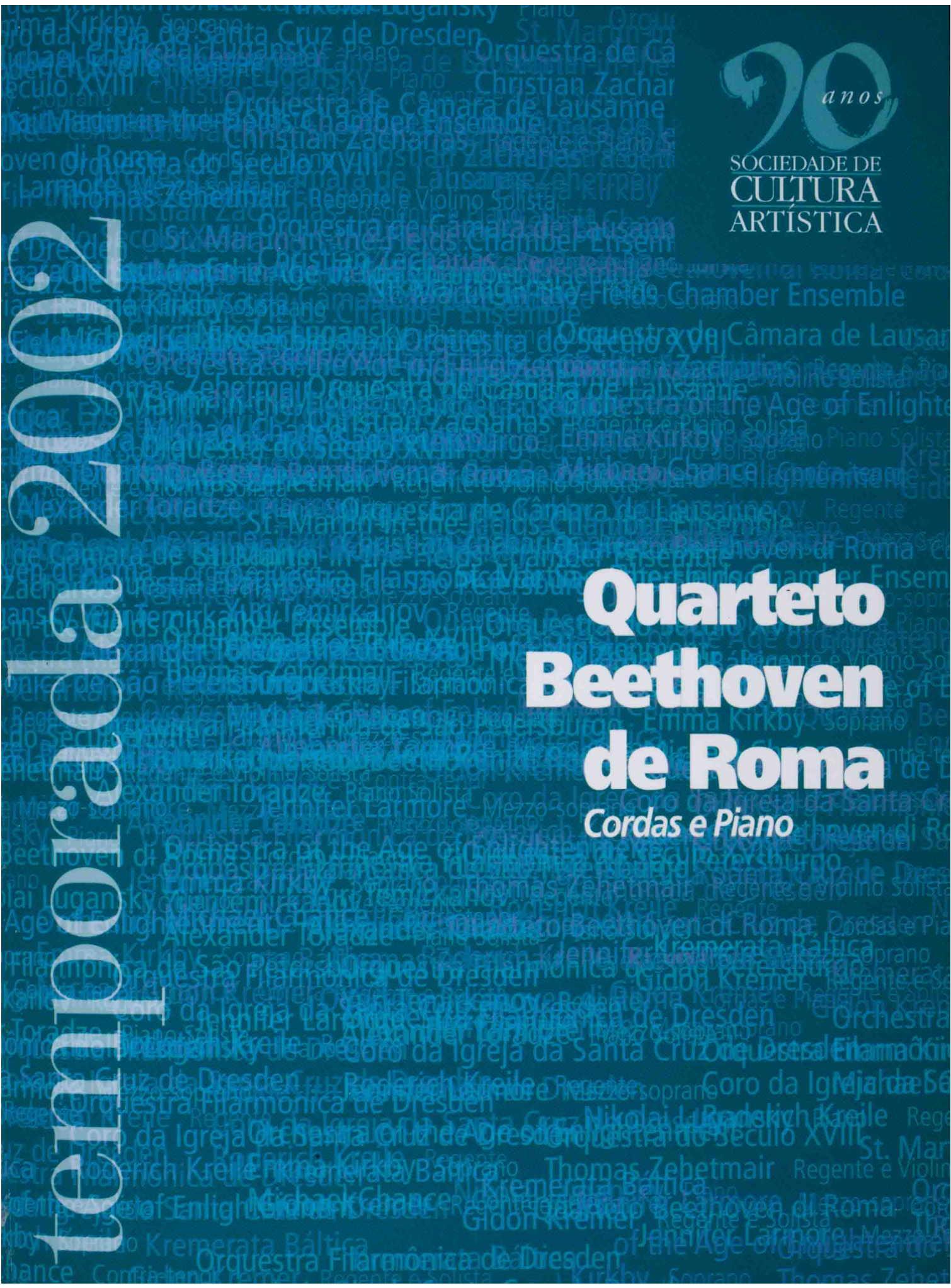


temporada 2002



Quarteto Beethoven de Roma

Cordas e Piano



Mantenedores e Amigos da Sociedade de Cultura Artística

Mantenedores

Affonso Celso Pastore
Agência Estado
Alain J. Costilhes
Alberto Martins
Alberto Soares de Almeida
Alexandre Fix
Aluizio Rebello de Araújo
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. de Azevedo
Arsenio Negro Jr.
Beatriz Botelho Hime
Bruno Licht
Carlos J. Rauscher
Carlos Nehring Neto
Cláudio Alberto Cury
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Eduardo Brenner
Erico Stickel
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
George Gerard Arnhold
Gérard Loeb
Gian Carlo Gasperini
Henrique Brenner
Henrique Fix
Israel Vainboim
Jayme Blay
Jayme Sverner
Jorge Diamant
José e Priscila Goldenberg
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José Luis de Freitas Valle
José M. Martinez Zaragoza
José M. Pinheiro Neto
José Roberto Opice
Lucília Diniz
Luís Stuhlberger
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Maria de Lourdes A. Machado
Maria Prudência de V. Resende
Mario Arthur Adler
Mauris Warchavchik
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Nelson Nery Jr.
Nelson Zuanella
Oscar Vicente Ferro
Oswaldo Daunt Salles do Amaral
— In Memoriam
Plínio José Marafon
Redegas Natural
Ricardo Augusto Gallo
Roberto e Yara Baumgart

Rosa Maria Z. Rinzler
Ruy e Célia Korbvicher
Sérgio Almeida de Oliveira
Tales P. Carvalho
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
Wolfgang Knapp
1 Mantenedor anônimo

Amigos

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Rauscher
Alice Alves de Lima
Amélia de Giacomo
Ana Maria L. V. Igel
Anna Maria Tuma Zacharias
André Jum Yassuda
André Luiz Shinji Hayata
Andrea Sandro Calabi
Angelo Franchini Neto
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
Arnold Wald
BVDA / Brasil Verde Design
Carla Milano
Carlos P. Rauscher
Centauro Equip. de Cinema e Teatro
Claudia Lorch
Cláudio Halaban
Dario Chebel Labaki Neto
David Casemiro Moreira
Domingos Durant
Dora Halaban
Doris Alexander
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo L. P. R. de Almeida
Eduardo e Lina Wurzman
Eduardo M. Zobarán
Eduardo Telles Pereira
Elio Sacco
Elisa Woliniec
Ester Zemel
Ezequiel Dutra
Fábio Konder Comparato
Felipe e Hilda Wroblenski
Fernando K. Lottemberg
Fernão Carlos B. Bracher
Francisco H. de Abreu Maffei
George Longo
Gerry Lingfield
Graziela Lafer Galvão
Gyorgy Böhn
Hannelore Kersten Wolff
— In Memoriam
Heinz Jorg Gruber
Heloisa Lourdes Alves Motta

Heraldo Luis Marin
Hilda Mayer
Horácio Leirner
Horácio Mário Kleinman
Isabel Sobral
Jacques Siekierski
Jairo Cupertino
Jenny Musatti
João Baptista Raimo Jr.
Lea Regina Caffaro Terra
Lena Strumpf
Leon Reitzfeld
Leopoldina de Faria Ribeiro
Lia Fukui
Lilia Salomão
Livreria Cultura Editora
Lucila Pires Evangelista
Marcello Franco
Marcelo e Rita Secaff
Maria Angeles Fanta
Maria Carolina Brando
Maria Cláudia Viana
Maria Cristina Viana Kuntz
Mário Higino N. M. Leonel
Marta D. Grostein
Martha E. de Souza Queiroz
Michelle Luigi Pennavaria
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Milu Villela
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Olga Tieppo
Oscar Lafer
Rafael Jordão Mota Vecchiatti
RCS Consultores
Regina Benna Zemel
Regina Sverner
Regina Weinberg
Rita de Cássia Caruso Cury
Roberto Bumagny
Roberto Calvo
Rubens Halaban
Rubens Muskat
Rui Fontana Lopez
Ruy Souza e Silva
Seiko Sato
Sérgio Leal Carvalho Guerreiro
Silvio Meyerhof
Tamas Makray
Tarcísio V. Ramos
Thomas Farkas
Walter Ceneviva
Wilson Carmignani
19 Amigos anônimos

temporada 2002

90 anos

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Quarteto Beethoven de Roma *Cordas e Piano*

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

apoio
institucional
Prefeitura do
Município
de São Paulo
Lei 010923/90



Prefeitura
de São Paulo

promoção

ELDORADO

FM

92.9

OS MELHORES MOMENTOS

patrocínio

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

CBLC
Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia



Telefônica

Votorantim



Quarteto Beethoven de Roma

Cordas e Piano

Thomas Zehetmair, Regente e Violino
Gidon Kremer, Regente e Violino
Kirkby, Soprano
Thomas Zehetmair, Regente e Violino

Quarteto e Piano

Quarteto de Cordas e Piano

Felix Ayo *Violino*

Alfonso Ghedin *Viola*

Mihai Dancila *Violoncelo*

Carlo Bruno *Piano*

Fundado em 1970, quando do bicentenário do nascimento do Mestre de Bonn, o Quarteto **Beethoven** de Roma concentra-se em segmento relativamente pouco conhecido da música de câmara: o das obras para três arcos e piano, formação para a qual grandes mestres da música escreveram belíssimas páginas. Desde suas primeiras apresentações, ainda no início dos anos 1970, o conjunto afirmou-se como uma das mais impecáveis formações camerísticas de qualquer tipo, impondo-se à atenção do público e da crítica especializada do mundo todo. Sobre esses artistas já se escreveu que por "sua musicalidade, seu rigor, sua sensibilidade e sua competência [...], o Quarteto Beethoven de Roma é não apenas um soberbo instrumento musical, mas um expoente de civilização".

Ao longo de seus mais de 30 anos de vida, o grupo tem-se apresentado regularmente em quase todos os países da Europa, inclusive na Rússia, nos Estados Unidos, no Canadá, em diversos países da América do Sul, no Japão e em várias cidades da Austrália. Paralelamente a suas atividades nas melhores salas de concerto e festivais de música do mundo, o Quarteto Beethoven de Roma dedica-se também a atividades pedagógicas, dentre as quais se destacam cursos e *master classes* no *Royal College of Music* de Sydney, na Austrália, na *Victoria University* de Vancouver, no Canadá, e na *Musikschule* de Freiburg, na Alemanha.

A discografia do grupo, registrada para importantes selos e detentora de prêmios internacionais, inclui títulos dedicados a obras de câmara de Beethoven, Mozart, Mahler, Strauss e Reger. Dentre seus lançamentos recentes destacam-se o álbum *Quartetos com Piano de Brahms e de Fauré*, para o selo *Dynamic*, e *Quartetos com Piano de Schumann e de Brahms (opus 25)*, para o selo *Unicef*.

Felix Ayo *Violino*

Nascido na Espanha, formou-se em violino aos quatorze anos de idade e depois de conquistar o Prêmio *Ibáñez de Bertolaza* aperfeiçoou-se em Paris, Siena e Roma. Ayo foi um dos fundadores da orquestra de câmara *I Musici*, com a qual tocou durante 16 anos e conquistou renome internacional, como *Spalla* e solista, graças às turnês mundiais e inúmeras gravações do grupo. Membro fundador do Quarteto Beethoven de Roma – ao lado de Alfonso Ghedin, Enzo Altobelli e Carlo Bruno –, Felix Ayo é professor do *Conservatorio di Santa Cecilia* de Roma e apresenta-se também como solista de concerto, ao lado de prestigiosos conjuntos orquestrais.

O violinista toca um instrumento G. B. Guadagnini, de 1744.

Alfonso Ghedin *Viola*

Italiano natural de Treviso, por dez anos foi Primeira Viola Solista do conjunto *I Musici*, posição que ocupou posteriormente no grupo *I Virtuosi di Roma*. Membro fundador do Quarteto Beethoven de Roma, Alfonso Ghedin também se apresenta regularmente, como camerista, com o violinista Salvatore Accardo, o violista Bruno Giuranna e o pianista Bruno Canino. Com Claudio Abbado e o conjunto orquestral *I Solisti della Scala*, gravou o ciclo completo dos Concertos de Brandemburgo. Professor de violino e viola do *Conservatorio di Santa Cecilia*, Ghedin ocupa o posto de Primeira Viola da Orquestra da *Accademia di Santa Cecilia* de Roma.

O violista toca um instrumento Giovanni Gagliano, de 1800.

Mihai Dancila *Violoncelo*

Romeno natural de Cluj, formou-se pela Academia de Música de Bucareste, integrou por bastante tempo o Quarteto Acadêmico e apresenta-se regularmente como recitalista e solista de concerto. Mihai Dancila integrou-se ao Quarteto Beethoven de Roma em 1986, após o falecimento do violoncelista Enzo Altobelli, um dos fundadores do grupo. Além de suas atividades nas salas de concerto, Dancila vem ministrando concorridas *master classes* na Itália, na Espanha, na Holanda e na Irlanda e é professor da Academia de Música de Bucareste, da *Royal Irish Academy of Music* de Dublin e da *Scuola di Alto Perfezionamento Musicale* da Itália.

O violoncelista toca um instrumento Giacomo Ruggerius, de 1717.

Carlo Bruno *Piano*

Italiano de Nápoles, estudou com Vincenzo Vitale e Renato Parodi, diplomou-se em piano e composição pelo conservatório de sua cidade natal e sagrou-se vencedor em importantes concursos pianísticos da Europa. Membro fundador do Quarteto Beethoven de Roma, Carlo Bruno desenvolve também carreira como camerista, solista de concerto e professor, no *Conservatorio di Santa Cecilia* de Roma e em *master classes* que vem ministrando em diversos países do mundo. Como compositor, sua obra inclui peças para orquestra e para conjuntos de câmara, peças líricas para voz e piano e a ópera *La Favola dei Tre Gobbi*, já apresentada em Nápoles e Veneza.

Agradecemos aos patrocinadores que nos prestigiaram nos últimos anos.

AFAA – Association Française d’Action Artistique
American Express
BankBoston
Bovespa – Bolsa de Valores de São Paulo
CBLC – Cia. Brasileira de Liquidação e Custódia
Cigna
Citibank
Daimler Chrysler
Eldorado FM
Indústrias Votorantim
Jornal O Estado de S. Paulo
KPMG
Pechiney
Pinheiro Neto Advogados
Semp Toshiba
Telefonica
Unibanco – Prever
Volkswagen
WestLB Banco Europeu



DM89008

Violinos deveriam tocar tanto
quanto telefones.

Patrocinadora da Sociedade de Cultura Artística.

Telefonica

Série Branca

1 de julho, segunda-feira, 21h

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

**Quarteto com Piano,
em Mi bemol maior (nº 4), opus 16 bis**

Grave – Allegro ma non troppo

Andante cantabile

Rondo: Allegro ma non troppo

Aaron Copland (1900 – 1990)

Quarteto para Piano e Cordas

Adagio serioso

Allegro giusto

Non troppo lento

intervalo

Johannes Brahms (1833 – 1897)

**Quarteto para Piano e Cordas nº 3,
em Dó menor, opus 60**

Allegro non troppo

Scherzo (Allegro)

Andante

Allegro comodo

Série Azul

2 de julho, terça-feira, 21h

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Quarteto em Mi bemol maior
(revisão do Quinteto para Piano e Sopros, K.452)

Largo – Allegro moderato

Larghetto

Rondo: Allegretto

Antonín Dvorák (1841 – 1904)

**Quarteto para Piano e Cordas,
em Ré maior, opus 23**

Allegro moderato

Andantino

Allegretto scherzando

intervalo

Robert Schumann (1810 – 1856)

**Quarteto para Piano e Cordas,
em Mi bemol maior, opus 47**

Sostenuto assai – Allegro ma non troppo

Scherzo: Allegro vivace

Andante cantabile

Finale: Vivace

temporada 2002



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Série Verde

3 de julho, quarta-feira, 21h

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Quarteto em Ré maior

(revisão do Quinteto para Cordas nº 5, K.593)

Larghetto – Allegro

Adagio

Menuetto: Allegretto

Finale: Allegro

Gustav Mahler (1860 – 1911)

Movimento de Quarteto para Piano e Cordas, em Lá menor

Nicht zu schnell (Não muito rápido)

intervalo

Gabriel Fauré (1845 – 1924)

Quarteto nº 2 para Piano e Cordas, em Sol menor, opus 45

Allegro molto moderato

Scherzo, Allegro molto

Adagio non troppo

Finale: Allegro molto

Próximos Concertos

Sala São Paulo

**Orquestra Filarmônica
de São Petersburgo**

Yuri Temirkanov *Regência*

Alexander Toradze *Piano Solista*

16 de agosto, sexta-feira

Wagner Prelúdio do III Ato de Lohengrin

Rachmaninov Concerto para Piano e Orquestra nº 3

Tchaikovsky Sinfonia nº 6

17 de agosto, sábado

Debussy La Mer

Prokofiev Concerto para Piano e Orquestra nº 2

Stravinsky Suite O Pássaro de Fogo

Ravel La Valse

Concerto Extra-assinatura

21 de agosto, quarta-feira

Prokofiev Concerto para Piano e Orquestra nº 3

Mussorgsky Quadros de uma Exposição

Teatro Cultura Artística

Jennifer Larmore *Mezzosoprano*

Antoine Palloc *Piano*

22 de agosto, quinta-feira

26 de agosto, segunda-feira

28 de agosto, quarta-feira

Obras de Haendel, Mozart, Rossini,

Debussy, Fauré, Barber, Ives e Gershwin

temporada 2002

abril 22, 23 e 24 **Teatro Cultura Artística**

Nikolai Lugansky *Piano*

maio 13, 14 e 15 **Teatro Cultura Artística**

Orchestre de Chambre de Lausanne

Christian Zacharias *Regência e Piano Solista*

junho 3, 4 e 5 **Teatro Cultura Artística**

**Academy of St. Martin in the Fields
Chamber Ensemble**

junho 25, 26 e 27 **Teatro Cultura Artística**

Orquestra do Século XVIII

Thomas Zehetmair *Regência e Violino Solista*

julho 1, 2 e 3 **Teatro Cultura Artística**

Quarteto Beethoven de Roma *Cordas e Piano*

agosto 16 e 17 **Sala São Paulo**

Orquestra Filarmônica de São Petersburgo

Yuri Temirkanov *Regência*

Alexander Toradze *Piano Solista*

agosto 22, 26 e 28 **Teatro Cultura Artística**

Jennifer Larmore *Mezzosoprano*

Antoine Palloç *Piano*

setembro 9, 10 e 11 **Teatro Cultura Artística**

Orchestra of the Age of Enlightenment

Emma Kirkby *Soprano*

Michael Chance *Contratenor*

outubro 22 e 23 **Sala São Paulo**

Orquestra Filarmônica de Dresden

Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden

Roderich Kreile *Regência*

novembro 5, 11 e 12 **Teatro Cultura Artística**

Kremerata Báltica

Gidon Kremer *Regência e Violino Solista*

Sociedade de Cultura Artística

Rua Nestor Pestana, 196 Telefone (5511) 3256 0223

www.culturaartistica.com.br email: cultart@dialdata.com.br

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Quarteto com Piano, em Mi bemol maior (nº 4), opus 16 bis

Como fez com praticamente tudo o que nos deixou, Beethoven dedicou-se à música de câmara com um misto de atenção à herança formal recebida das mãos de Haydn e Mozart e de vontade incontornável de se impor como personalidade a um só tempo original e libertária. Os seus incomparáveis quartetos de cordas – ao lado de partituras concebidas para outras pequenas formações instrumentais e das sonatas destinadas ao violino e ao violoncelo – apontam para uma imaginação sem paralelos na configuração de um estilo revolucionário para a época, sobretudo no tocante ao tom pessoal do discurso.

Beethoven escreveu para a combinação de piano com instrumentos de sopro principalmente na juventude, antes de 1801. Abandonou-a, talvez, por considerá-la excessivamente presa às formas “leves” da arte clássica feita para puro entretenimento. Nesse domínio, é possível que sua criação mais ousada seja o Quinteto para Piano e Sopros, *opus 16*, composto em torno de 1796. Ainda que sua formação original (reunindo oboé, clarineta, trompa e fagote) lembre o K.452 de Mozart, a verdade é que, aí, a organização interna dos movimentos já denota traços de um estilo pessoal, exuberante e, por assim dizer, “sinfônico”. Mais tarde, por volta de 1810, o compositor realizou uma nova versão da obra, destinando-a, então, a piano, violino, viola e violoncelo.

Nesse formato, a obra é aberta por um majestoso e claro *Grave*, que logo se liga a um *Allegro ma non troppo* de notável riqueza temática e de atmosfera por vezes heróica e bastante impositiva. Nele, as passagens pianísticas impressionam particularmente pela novidade da escrita. O *Andante cantabile* que vem em seguida respira de um ar bem diverso. Possivelmente inspirado em uma ária da ópera *Don Giovanni* de Mozart (*Batti, batti o bel Masetto, de Zerlina*), ele se espria de maneira livre, fazendo com que o desenrolar sonoro conote, simultaneamente,

calor e sensualidade. O movimento final, *Allegro ma non troppo*, é um rondó muito animado e desembaraçado, com passagens especialmente brilhantes entregues às cordas.

Aaron Copland (1900 – 1990)

Quarteto para Piano e Cordas

Aaron Copland, conhecido em sua pátria como “o pai fundador da música norte-americana”, foi o mais bem-sucedido compositor de sua terra no século passado. Filho de imigrantes judeus-russos, como Gershwin, aperfeiçoou-se na juventude em Paris, com a muito respeitada “*Mademoiselle*” (Nadia Boulanger). De volta a Nova York, lutou para impor a sua linguagem de sabor autóctone e de retórica grandiloquente. E, ao lado de um pequeno grupo de amigos, defendeu a idéia da coexistência do progresso industrial com a atividade criativa. Acabou por assumir cargos importantes na Costa Leste, apresentando-se como pianista, conferencista, organizador de festivais e de concertos, além de ter assumido o comando de prestigiosas instituições de ensino. Durante a Segunda Guerra Mundial, participou ativamente da “política de boa vizinhança” do presidente Roosevelt, entrando em contato com a música feita abaixo do Rio Grande mexicano, inclusive a do Brasil.

Durante toda a vida, Copland nutriu um profundo amor pela obra de Igor Stravinsky, aquela pertencente às várias “fases” do célebre compositor russo imigrado. O neoclassicismo de sabor arcaizante e de escritura clara do autor de *Pulcinella* sempre esteve na base da sua própria linguagem. Esta, ao mesmo tempo em que tomava de empréstimo modelos formais provenientes da tradição europeia, combinava de maneira pessoal elementos folclóricos e retirados do mundo jazzístico. Durante a década de 1930, descobriu a obra do radical vienense Anton Webern, que deixou traços em algumas de suas partituras. Visto pelos europeus apenas como um epígono, Copland continua sendo considerado em seu país como um dos mais significativos músicos do Novo Mundo.

O compositor escreveu duas óperas, seis balés, oito trilhas para o cinema, trinta obras orquestrais, além de abundante produção pianística e coral, ao lado de numerosas canções. Seu catálogo camerístico aponta para a existência de dezesseis obras concebidas para pequenos grupos instrumentais.

O Quarteto para Piano e Cordas é de 1950, período no qual Copland se entregava à criação de obras austeras, influenciadas pelo dodecafonismo, a técnica de compor música a partir dos doze sons de gama cromática, invenção de Schoenberg experimentada em primeira mão por seus discípulos Alban Berg e Anton Webern. Copland serviu-se dessa concepção muito à sua maneira, aliando as séries dodecafônicas ao seu arraigado sentimento de tonalidade. O *Adagio serio* inicial explora as possibilidades de combinação de uma "série" de onze (e não doze) sons tratada em jogos polifônicos. O *Allegro giusto* que vem em seguida contém três temas mais salientes, o principal deles embebido de sincopado jazzístico. O *Non troppo lento* de encerramento, subdividido em cinco seções, é coroado por um tema de recorte cantante, curiosamente acompanhado por um fragmento da "série" inicial.

Johannes Brahms (1833 – 1897)

Quarteto para Piano e Cordas nº 3, em Dó menor, opus 60

Brahms pertence à segunda geração de compositores românticos, a qual foi precedida pelo revolucionário grupo inicial onde cintilavam os nomes de Berlioz, Liszt, Schumann e Chopin. Temperamento menos afeito a experimentações que seus predecessores, Brahms encontrou notadamente em Bach, Mozart e Beethoven os elementos nucleares que o conduziram na direção da conquista do seu próprio estilo.

Teria sido ele um clássico isolado no panorama romântico da época? É verdade que Brahms, em vez de arrojarse nos novos domínios abertos pelo poema sinfônico e pelo drama, deu preferência ao cultivo de formas regidas por arquétipos que foi procurar no passado. Por isso mesmo, o fundamental de sua produção é re-

presentado por sinfonias e aberturas orquestrais, coros, cantatas, canções, música para piano solo e para pequenos conjuntos camerísticos. Essa é uma prova de que ele demonstrou desde sempre um apego visceral ao domínio da chamada música "pura", destituída de ligações com as demais artes, mormente a literária.

É necessário lembrar que das cento e vinte partituras que Brahms deixou classificadas com números de *opus*, vinte e quatro são dedicadas a formações de câmara. Esse montante demonstra que, para ele, o espaço confessional e intimista dos pequenos agrupamentos instrumentais era o âmbito perfeito para a concretização dos seus mais recônditos sentimentos. Nessa esfera expressiva, o genial compositor nos deixou às voltas com um fascinante paradoxo: de aparência perfeitamente clássica, essa faixa da sua produção revela, pouco abaixo da sua esplendorosa superfície, os complexos meandros de um coração permanentemente apaixonado e colocando-se em questão.

Ainda que completado em 1875, o Quarteto para Piano e Cordas nº 3, em Dó menor, *opus* 60, pode ter ocupado a mente do autor desde 1856. Depois de ter assumido várias outras fisionomias sonoras antes que a definitiva se impusesse ao artista, ele é considerado, na atualidade, o mais belo dos três assinados pelo autor. O *Allegro non troppo* inicial é aberto por uma introdução de clima sombrio. Seu desenrolar dá-se à base do confronto de idéias de ânimo contrastante, indo de um profundo lirismo a uma dramaticidade que toca o desespero. Tem-se, então, o *Scherzo (Allegro)*, que carrega o ouvinte de páramos de sombria veemência a outros banhados em atmosfera misteriosa. O *Andante*, na tonalidade mais otimista de Mi maior, é a instância mais apaziguada da obra, brindando a todos com seu contagiante melodismo. Construída sobre uma forma-sonata de três temas principais, a seção final, *Allegro comodo*, faz-nos mergulhar uma vez mais nas regiões febris e atormentadas dos dois primeiros movimentos. Só mesmo na coda, em Dó maior, a tensão acumulada é posta de lado, como que em um gesto de libertação.

Wolfgang Amadeus Mozart

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Quarteto em Mi bemol maior (revisão do Quinteto para Piano e Sopros, K.452)

Quarteto em Ré maior (revisão do Quinteto para Cordas n° 5, K.593)

Artista escolhido pelos deuses benfazejos, que deram a ele uma musicalidade inteiramente incomparável, Mozart foi, contudo, perseguido pelas Parcas do infortúnio no que se refere à sua curta, e com freqüência infeliz, biografia. Menino-prodígio que era capaz de inventar música antes mesmo de aprender a ler e a escrever, Wolfgang Amadeus amadureceu com rapidez e, na sua exígua maturidade, compôs algumas das mais extraordinárias obras-primas de toda a música do Ocidente. Isso literalmente em todos os gêneros existentes em sua época.

Na música de câmara, domínio em que se expressava com graça e originalidade, Mozart nos legou uma infinidade de partituras que, ainda hoje, causam-nos surpresa, prazer e, não raro, profunda comoção. Vivendo em uma época na qual a expressão individual não contava, ele, entretanto, soube como ninguém servir-se dos arquétipos formais a fim de transformá-los em veículos portadores de “mensagens” – quase sempre não passíveis de “tradução” para a linguagem verbal.

A formação instrumental reunindo piano e trio de cordas era uma autêntica raridade no instante em que a abordou pela primeira vez, em 1785. Tornou-se um verdadeiro pioneiro nesse setor, através de duas obras singulares – os Quartetos em Sol menor, K.478, e em Mi bemol maior, K.493. Neles, o músico conseguiu reunir, magicamente, a introversão concentrada do mais habitual quarteto de cordas e o virtuosismo, o dialogismo e a dramaticidade da forma concerto. Assim, nada mais natural que algumas das suas mais altas criações concebidas originalmente para outros instrumentos – o Quinteto K.452 (1784) foi destinado a piano e sopros, e o Quinteto K.593 (1790) às cordas – fossem posteriormente transcritas para piano e cordas.

O Quarteto em Mi bemol maior é aberto por um amplo e majestoso *Largo* que conjuga unidade de expressão e multiplicidade temática.

A mesma abundância de idéias marca o *Allegro moderato* que se liga a ele. Sobre o *Larghetto* já disse o musicólogo Harry Halbreich: “é dos milagres mozarteanos mais raros”. O rondó que o encerra, um ágil *Allegretto*, baseia-se em um refrão a um só tempo memorável, gracioso e nobre.

O Quarteto em Ré maior, composto em meio à miséria material, à doença, à solidão e ao desânimo, é obra que guarda poucos traços dessa crise existencial vivida pelo autor. Seu primeiro movimento, *Larghetto – Allegro*, deslumbra pela plasticidade dos temas e pelos sábios jogos de contraponto. O *Adagio* que se segue alterna serenidade e dor, em meio a algumas das maiores audácias harmônicas criadas por Mozart. O *Menuetto: Allegretto*, por sua volta, combina viril alegria e toques de rudez camponesa. O *Allegro* final, também repleto de novidades harmônicas e de contrapontos concebidos com enorme imaginação, dá a impressão de ser uma animada tarantela repleta de ziguezagues.

Antonín Dvorák

Antonín Dvorák (1841 – 1904)
Quarteto para Piano e Cordas em Ré maior, opus 23

Originário da atual República Tcheca, Dvorák carregou consigo, durante toda a vida, as lembranças sonoras do riquíssimo folclore eslavo de sua terra. Com freqüência, deixou que elementos inspirados na criação coletiva do seu povo aflorassem em suas partituras. (Foi o patrono da música erudita de sua pátria, Bedrich Smetana, quem despertou em Antonín o amor e o respeito pela arte autóctone). Quanto à forma, sempre admirou a clareza dos exemplos clássicos – ele foi um dos primeiros a se dar conta da efetiva originalidade das seis sinfonias juvenis de Schubert. E depois de um curto namoro com a “música do futuro”, propalada por Liszt e Wagner, voltou-se em definitivo para os sentimentos de estabilidade e de segurança que lhe passavam as partituras do seu famoso padrinho, Johannes Brahms.

Ainda hoje, a arte de Dvorák conquista o grande público graças à generosidade melódica, à rítmica sincopada e animada e às fortes cores impressas nas partes instrumentais. Ao lado de

9

Tem lugares que nem fica bem
levar o seu anjo da guarda.



Ainda bem que o Teatro Cultura Artística está protegido pela Itaú Seguros.



Itaú Seguros

portentosos ciclos de sinfonias, de poemas sinfônicos e aberturas orquestrais – além de óperas, cantatas e peças para piano –, Dvorák cultivou com assiduidade a música de câmara. Nesse domínio, no qual se destacam quatorze quartetos para cordas, dois quintetos e um sexteto para a mesma família instrumental, legou-nos quatro trios, dois quartetos e um quinteto que utilizam o piano em sua formação.

O Quarteto para Piano e Cordas, em Ré maior, foi escrito entre maio e junho de 1875. O primeiro movimento, *Allegro moderato*, contém os múltiplos coloridos e os contagiantes ritmos ligados à música popular da Europa Central. O *Andantino* que vem em seguida utiliza um tema, de recorte eslavo e algo melancólico, como base para cinco variações. O movimento final, *Allegretto scherzando*, é estruturado em duas partes mais salientes: uma animada seção de *scherzo* em ritmo valsante e uma seção onde um rodopiante rondó com variações troca o ritmo da valsa pelo de um agitado *furiant* tcheco (exuberante dança folclórica boêmia, caracterizada pela alternância de metros 2/4 e 3/4).

Robert Schumann (1810 – 1856)

Quarteto para Piano e Cordas, em Mi bemol maior, opus 47

Schumann foi um dos mais revolucionários e geniais compositores da primeira geração de músicos românticos. Mente torturada, ele hoje seria talvez diagnosticado como um psicótico maniaco-depressivo. Na juventude, oscilou entre a Literatura e a Música. Entregou-se finalmente a esta última, utilizando o seu talento de escritor em fulgurantes críticas jornalísticas. Pensando em se tornar um virtuose, teve a carreira interrompida por um grave acidente que ele próprio causou a uma de suas mãos. Viveu uma relação apaixonada com a pianista Clara Wieck, cujo pai detestava o nosso músico, e com quem teve prole numerosa. Morreu de maneira trágica, em meio a uma loucura provocada pela sífilis que contraiu ainda jovem.

Sentindo-se internamente dividido, Schumann criou personagens – *Florestan*, o inquieto agitador, *Eusebius*, o sonhador mergulhado em

melancólicos pensamentos, *Mestre Raro*, o conciliador – que refletiam seus estados de espírito conflitantes e em permanente mudança. Assinou partituras ou partes de obras com tais nomes. Nele alternavam-se fases de extraordinária produtividade a outras em que se prostrava de maneira mórbida. Compunha de maneira compulsiva, geralmente abordando um único gênero em suas fases produtivas e eufóricas. Assim, sucessivamente, dedicou-se ao piano, à canção e, em 1842, ao gênero camerístico.

O Quarteto para Piano, Violino, Viola e Violoncelo, em Mi bemol maior, *opus 47*, foi esboçado entre 25 e 30 de agosto de 1842. A exigüidade do tempo de composição deixou marcas na partitura, que, efetivamente, passa a impressão de ter sido concebida em um único jorro. Seu tom visionário aponta para as futuras obras congêneres de Brahms e Fauré. Uma febril e desabrida fantasia toma conta do movimento inicial, formalmente complexo e inovador. O *Andante cantabile* que vem em seguida, aberto por uma das mais lindas idéias líricas de Schumann, contém cinco variações onde o espírito do Beethoven dos últimos quartetos não deixa de aflorar. A obra é encerrada por um *Vivace* formalmente inclassificável, no qual três temas principais dividem o espaço com fulgurantes idéias episódicas, que auxiliam na cintilação geral do discurso.

Gustav Mahler (1860 – 1911)

Movimento de Quarteto para Piano e Cordas, em Lá menor

Gustav Mahler, cuja obra só foi finalmente reconsiderada a partir da década de 1950, dirigiu a sua criatividade para duas áreas específicas da composição: a da canção, em geral com acompanhamento de orquestra, e a da sinfonia, arquétipo que ele viu sob o prisma de um atordoante agigantamento. Os muitos *Lieder* que escreveu – sobre poemas de inspiração popular ou, então, pertencentes a poemas de escritores românticos como Rückert, ou de velhos poetas chineses adaptados para o alemão por Hans Bethge, além de alguns de sua própria lavra – recriam um universo semântico ambíguo,

onde se juntam ingenuidade e sofisticação, dor de estar no mundo e esperança de encontrar a felicidade. As assombrosas nove sinfonias que deixou completas são enormes afrescos sonoros que reúnem, por vezes, poderosa orquestra, vozes solistas e coral. Contemporâneas da estética *Art Nouveau*, são obras simultaneamente voltadas para o passado e para o futuro. Dialogando intuitivamente com toda a História da Música, essas obras, com frequência, lembram o Proust da "memória involuntária", em seus jogos de múltiplas referências.

Apenas na juventude, sobretudo durante os anos em que estudou em Viena, Mahler compôs música de câmara. Data de 1876 o *Quartett-satz* (Movimento de Quarteto), que nos chegou em estado de fragmento e que só seria apresentado ao público, pela primeira vez, em 1964. As influências mais notáveis nessa partitura juvenil são as de Brahms e Schumann, compositores muito familiares entre os alunos do Conservatório. O estilo não é especialmente original, mas a escritura já revela grande habilidade no manejo dos elementos postos em movimento no discurso. E se os três temas principais dessa forma-sonata não são especialmente notáveis pelo recorte, seu desenvolvimento já demonstra muita imaginação. Obra de um aprendiz prodigiosamente dotado, esse movimento inicial de quarteto é bem um flagrante desse Gustav anterior ao mais verdadeiro Mahler.

Gabriel Fauré
Gabriel Fauré (1845 – 1924)

Quarteto nº 2 para Piano e Cordas, em Sol menor, opus 45

Mais que nenhum outro artista francês de sua geração, Fauré conseguiu materializar na arte musical a idéia do poeta simbolista Paul Verlaine, segundo a qual era preciso "prender a eloquência pelo pescoço". Em uma época onde o exagero imperava em todos os domínios expressivos, essa contenção emotiva funcionava como um verdadeiro antídoto à grandiloquência e à arte de efeito e de digestão fáceis.

Temperamento aristocrático, músico de igreja sem crença religiosa, burguês de vida pacata a obliterar a enorme sensualidade, Fauré

concentrou sua imaginação no campo da música para piano ou para pequenas formações camerísticas, ao lado de irisadas canções, *mélodies* que ainda se colocam entre as mais belas concebidas por um artista francês. Preferindo "sugerir" a "impor", ele foi o cultor de uma linguagem baseada em meias-tintas, em refinadas construções de soberana elegância e sutileza. A melodia ampla e enredante, a harmonia imprevista, de sabor por vezes arcaizante, e a rítmica refinada estão entre as marcas distintivas do seu estilo maduro.

Fauré raramente fugiu do âmbito de "jardim fechado" da música de câmara. Exceções são um lírico Réquiem, uma sonhadora ópera, *Pénélope*, e a deliciosa partitura orquestral que concebeu para acompanhar uma apresentação londrina da peça teatral *Pelléas et Mélisande* de Maurice Maeterlinck. E o seu instrumento predileto, o piano, quase sempre esteve no centro dos grupos que reunia para elaborar suas obras de câmara.

O Quarteto nº 2 para Piano e Cordas, em Sol menor, *opus 45*, foi escrito entre 1885 e 1886, quando o compositor tinha 21 anos. Obra já madura e vazada em estilo original, o Quarteto estabelece finas relações entre tradição e modernidade. No *Allegro molto moderato* inicial, erigido sobre o esquema da forma-sonata, dois temas contrastantes – um impositivo, outro uma autêntica efusão lírica – são empregados em sua construção. O *Scherzo, Allegro molto*, que se segue é, a um só tempo, sombrio e misterioso. Já o *Adagio non troppo* apresentado depois é "um vago devaneio", na expressão do autor, uma confissão de sutil lirismo. O movimento final, *Allegro molto*, de grande extensão, é baseado em vários grupos temáticos, mesclando turbilhão e apaziguamento. A tonalidade maior empregada em seu término faz com que a obra ganhe uma atmosfera de júbilo.

Edição Rui Fontana Lopez

Projeto gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto de Almeida

Textos sobre compositores Sociedade de Cultura Artística

Tradução Eduardo Brandão

Editoração eletrônica BVDA / Brasil Verde

Fotolitos e impressão OESP Gráfica



Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.



É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.



Votorantim

www.votorantim.com.br